

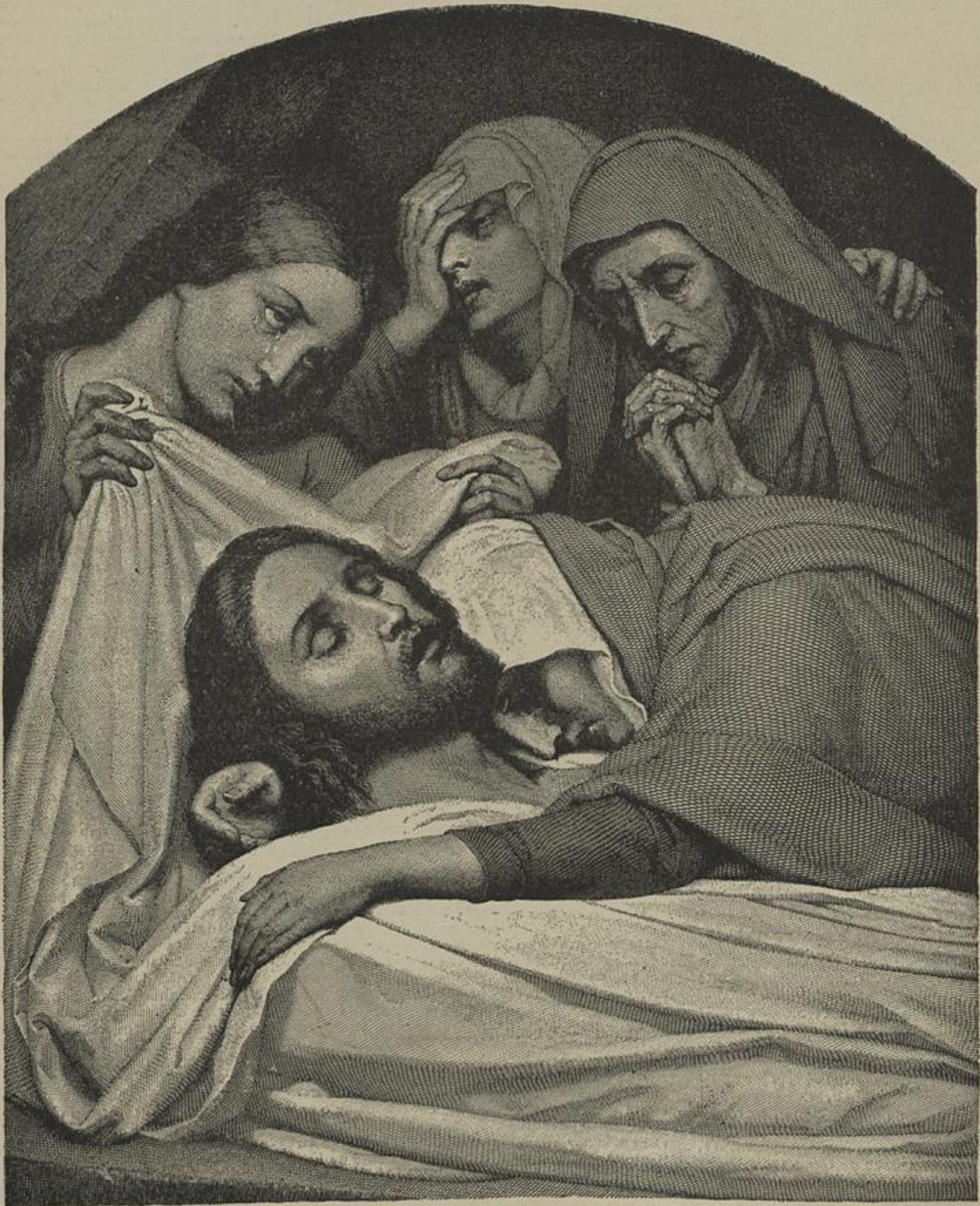
OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Anno 18.º

5 de Abril de 1895

Volume XVIII — N.º 586



AS SANTAS MULHERES ANTE O CADAVER DE JESUS CHRISTO



CHRONICA OCCIDENTAL

O anno de 1895 vai sendo para nós o anno dos congressos.

Ha pouco tempo ainda que Lisboa teve o seu congresso de Viticultura, e já Coimbra acaba de ter outro congresso, congresso d'alta importancia scientifica e social, o Congresso da Tuberculose, que foi muito concorrido, que fez muita honra á medicina portugueza e cujos brilhantes trabalhos, sabiamente dirigidos, mereceram a um dos congressistas, uma das illustrações scientificas da nossa terra, o sr. Conselheiro Silva Amado, a seguinte apreciação:— Nunca em Portugal se fez tanto em tão pouco tempo, e nos congressos scientificos a que tenho assistido nunca vi mais interesse e pelas questões scientificas nem mais regularidade e proficua direcção nos trabalhos.

N'estas palavras do illustre e honrado homem da sciencia está o melhor elogio do congresso, que se deve á entusiastica iniciativa d'um quintanista de medicina, da Universidade de Coimbra, o sr. Antonio Baptista Leite de Faria e á actividade, auctoridade scientificas e dedicação do sr. dr. Augusto Rocha que perfilhou essa iniciativa e trabalhou ardentemente para pôr a idéa em pratica.

Foi na inauguração do monumento á memoria do dr. Cruz Sobral, na Guarda, que o sr. Leite de Faria, fallando como representante do seu curso, aventou a idéa de se celebrar em Coimbra um congresso sobre a tuberculose. E ao mesmo tempo marcou logo a data para a celebração d'esse congresso, data bem escolhida, o dia 24 de março de 1895, o dia do 13.º anniversario da descoberta do bacillo da tuberculose pelo dr. Kock.

A idéa do talentoso quintanista da Universidade foi acolhida com enthusiasmo pelo numeroso grupo de estudantes de medicina e de homens de sciencia, que se tinham reunido na Guarda para prestar a derradeira homenagem á memoria do benemerito dr. Sobral: os estudantes da Universidade, apenas regressaram a Coimbra convocaram uma assembléa geral dos seus cursos e n'essa assembléa foi eleita, por aclamação, a commissão promotora do congresso, commissão, que convidou logo para seu presidente o sr. dr. Augusto Rocha, lente do 5.º anno da Faculdade de medicina, medico illustre, muito conhecido e respeitado tanto entre nós como no estrangeiro, pelos seus trabalhos scientificos e pelos seus estudos sobre a tuberculose, e que no congresso de Berlim, em 1890, teve a honra de ser eleito presidente effectivo da secção de medicina interna, e no de Roma, em 1894, onde esteve como delegado do governo portuguez, foi igualmente presidente effectivo da mesma secção e presidente honorario da mesa geral do congresso.

O sr. dr. Augusto Rocha abraçou com enthusiasmo a idéa do seu discípulo, dedicou-se de corpo e alma á sua realisação e effectivamente, no curto prazo de tres mezes conseguiu organizar esse notavel congresso, que, foi um acontecimento scientifico de alta importancia não só para Coimbra, como tambem para todo o paiz.

No Domingo 24 de março á 1 hora da tarde na sala dos Capellos da Universidade, inaugurou-se com toda a solemnidade o Congresso da Tuberculose com a assistencia de numerosos congressistas e na presenca do sr. Bispo Conde de Coimbra, auctoridades civis e administrativas, camara municipal, e officialidade do exercito.

A mesa do congresso era occupada pela commissão promotora e o sr. dr. Augusto Rocha leu o discurso inaugural que foi ouvido de pé e acolhido com entusiasticos applausos.

Em seguida foi eleita por aclamação a mesa geral do congresso que ficou composta da seguinte forma:

Presidente effectivo, dr. Costa Simões, reitor da Universidade.

Vice-presidente, dr. Bernardo Mirabeau, decano da faculdade de medicina.

1.º Secretario Ayres de Ornellas representante da Sociedade de Sciencias Medicas.

2.º Secretario, João Sabino de Sousa, representante do hospital Veterinario de Lisboa.

1.º Vice-Secretario, Agostinho Lucio da Silva, representante da Sociedade de Geographia.

2.º Vice-Secretario, Annes Baganha, delegado de saude pecuaria de Lisboa.

Presidentes honorarios foram eleitos vinte e oito sendo o primeiro o illustre sabio allemão, o dr. Kock a quem o congresso saudou em telegramma e que em telegramma respondeu immediatamen-

te agradecendo e saudando o congresso scientifico portuguez.

A sessão terminou ás 3 horas e meia da tarde tendo havido muitos discursos de congratulação, agradecimento e saudação, reinando sempre o maior enthusiasmo.

O congresso inaugurou-se com 388 adhesões. A' noite houve illuminações nos paços do conselho, na universidade, governo civil, em alguns edificios particulares, musicas pelas ruas, e sarau litterario pelos estudantes de medicina no theatro circo.

Na segunda feira 25 começou o congresso as suas sessões ordinarias que foram cinco: tres diurnas e duas nocturnas.

N'essas sessões fallaram largamente os srs. dr. Augusto Rocha, Pinheiro Torres, Chaves de Lemos, Espina y Capo, illustre medico hespanhol do hospital geral de Madrid e notabilissimo especialista de molestias pulmonares, Silva Joannes, Annes Baganha, Sabino de Sousa, Silva Telles, Lucio Nunes, Silva e Santos, Charles Lepierre, preparador do laboratorio de microbiologia, Zeferino Falcão, Lopo de Carvalho, Paulo Nogueira, dr. Silva Amado, Forbes Costa, Serra e Silva, José Maria Casqueiro, Leite de Faria, Costa e Almeida, Correia Mendes, Lopes Vieira, Cortes Meneres, Oliveira Monteiro, Ulysses Braga, Carlos Monteiro, Abel d'Andrade, dr. Costa Simões, Ephanio Marques, Nunes Godinho, Philomeno da Camara, Teixeira de Queiroz, Aureliano Viegas, e leram conferencias nas sessões nocturnas os srs. Espina y Capo, Lopo de Carvalho, Sabino de Sousa, Cesario d'Abreu, Paulo Nogueira, Gonçalves Nunes, conferencias que foram todas muito applaudidas e estão sendo impressas para ser distribuidas pelos congressistas.

No dia 27 foi encerrado solemnemente o congresso da Tuberculose, propondo o sr. dr. Augusto Rocha e sendo approvado por aclamação, que o segundo congresso da Tuberculose se realises em Lisboa em 1898, sob a presidencia do conselheiro Silva Amado, que agradeceu a honra que se lhe fazia, prometendo evitar todos os seus esforços para a realisação d'esse congresso.

A sessão foi encerrada no meio de ruidosos vivas á medicina portugueza, ao dr. Augusto Rocha, á universidade, aos congressistas, etc.

No congresso, entre outras coisas, deliberou-se que se pedisse ao governo a creação em todas as cabeças de districto de gabinetes de analyses bacteriologicos e bacterioscopicos; que se agradecesse aos ministros do reino, obras publicas, guerra e marinha, o seu auxilio ao congresso, que se lançasse um voto de louvor ao sr. Elvino de Brito pelas medidas que, como director geral de agricultura, tem posto em pratica com referencia á vigilancia e estado sanitario das vaccas leiteiras, e que se nomeasse uma commissão dos congressistas residentes em Coimbra para proseguir nos trabalhos iniciados pelo congresso.

Acabou ha oito dias o congresso nacional da Tuberculose e já se annuncia para muito breve outro novo congresso, o congresso catholico internacional.

Este congresso no qual tomarão parte muitos prelados estrangeiros e muitas das sumidades do catholicismo europeu deve realisar-se nos dias 25, 26, 27 e 28 do proximo mez de junho e faz parte das festas religiosas com que este anno Lisboa solemnisa extraordinariamente e pomposamente o centenario de Santo Antonio.

São numerosas essas festas e dividem-se em duas categorias; festas religiosas e festas civicas.

As festas religiosas serão no dia 13, dia de Santo Antonio, festa ao santo na Real Casa do dito santo e á tarde a procissão de Corpo de Deus que em vez de passear sómente em torno do largo da Sé, como ha muitos annos se costumava fazer, percorrerá as ruas principaes da cidade baixa, com grande pompa e esplendor; *Te-Deum* solenne e sermões nos dias 17, 18 e 19, em Santo Antonio, Sé e S. Vicente; no dia 22 vespervas e matinas em S. Vicente, officiando o Cardeal Patriarcha e no dia 23 missa de pontifical seguida de benção papal, sendo a musica da missa escripta expressamente pelo distincto amator o sr. Adolpho Sauvinet e no dia 30, depois de encerrado o congresso catholico, grande procissão de Santo Antonio que sahindo de S. Vicente de Fóra percorrerá as principaes ruas da baixa chegando até á Avenida e recolhendo depois á Sé Patriarchal.

As festas civis cujo programma ainda não está detalhado por dias, realisar-se-hão, desde o dia 12 ao dia 30 de junho, 18 dias de festa e cons-

tam de um arraial no Terreiro do Paço todo illuminado e embandeirado, havendo durante a noite os *mitogres de Santo Antonio*, em quadros illuminados que serão vistos de toda a praça, musicas e fogos d'artificio; cortejo civico com carros enfeitados e symbolicos; cortejo fluvial conduzindo em brigantim real, desde o caes de Santa Apollonia até a Rocha de Conde d'Obidos a imagem de Santo Antonio que d'ahi será transportada processionalmente á egrgia de S. Francisco de Paula, local onde no seculo XIII ficava situada a quinta do pae de Santo Antonio, quinta onde o Santo passou a sua mocidade; regata internacional, festa veneziana no Tejo com fogo e navios illuminados; touradas em Algés e no Campo Pequeno, batalha de flores na Avenida, recita de gala no theatro de D. Amelia, pela companhia do theatro do Gymnasio, representando-se o *Santo Antonio* oratoria do fallecido Braz Martins, festa da infancia no Bairro Andrade, festa do trabalho na Villa Santo Antonio, á Junqueira, festa gymnastica no Colyseu, concursos de philarmonicas, de fogos d'artificio, etc.

Em todos os festejos officiaes será executado o Hymno-Marcha de Santo Antonio, composto expressamente pelo illustre maestro portuguez o sr. Augusto Machado, letra de D. João da Camara.

Todos estes festejos que promettem ser brilhantissimos e trazer a Lisboa grande numero de forasteiros, tanto da provincia como do estrangeiro, pois ha comboyos para o estrangeiro e para a provincia a preços muito reduzidos, são promovidos por uma grande commissão de que é presidente honoraria Sua Magestade a Rainha D. Amelia e presidente effectiva a Sr.ª Marqueza de Fronteira e de que fazem parte todos as senhoras mais illustres da nossa sociedade.

A gran' e commissão central delegou o encargo de confeccionar o programma dos festejos n'uma commissão executiva composta dos srs: marquez de Pombal, presidente; conde d'Avia, secretario; conde de Burnay, thesourelro; marquez de Fronteira, Oliveira Pires e Carlos da Silva Pessoa, vogaes.

* *

Novidades theatraes poucas temos.

O theatro D. Amelia apresentou finalmente os famosos quadros vivos de ha tanto tempo annunciados e apezar da belleza plastica d'algumas das artistas não alcançaram o exito que se esperava e que tem tido lá por fora.

E não tiveram esse exito, cremos, porque a maior parte dos quadros reproduzidos não são nossos conhecidos, e porque é diminuto o numero de figuras que tomam parte n'elles. Este espectáculo não é absolutamente novo para Lisboa como ao principio se dizia.

Ha muitos annos já, ha coisa de quarenta houve em Lisboa quadros vivos pela companhia da M.^{me} Tournour, na velha praça do Salitre, quadros vivos com rotação e com movimento, que eram muito applaudidos e que faziam parte de todos os espectaculos de domingo, assim como tambem o fogo d'artificio que era de primeira ordem: muito mais recentemente uma companhia estrangeira exhibiu uns quadros vivos, pelo mesmo systema de rotação, no theatro do Gymnasio e não fez grande fortuna. Os quadros vivos do Theatro de D. Amelia não foram muito mais felizes: são bonitos, graciosos, artisticos, mas tem pouco espectáculo e reproduzem telas que geralmente o publico não conhece e por isso não produziram o effeito com que se contava, e pouco tempo mais se demoraram em Lisboa, annunciando-se já para o dia 13 do corrente a estreia da companhia dramatica hespanhola da illustre actriz Marie Tubau, uma das actrizes mais gloriosas da Hespanha e que tem no seu repertorio as melhores peças de Dumas filho, de Sardou, de Augier, e de Pailleron.

Ontra novidade é a chegada a Lisboa da excellente companhia d'opera comica do festejado actor Taveira, a companhia do theatro do Principe Real do Porto, que tem muita e justificada fama em Lisboa e que todas as vezes que cá vem faz sempre larga colheita de applausos.

A companhia Taveira vem dar uma serie de espectaculos com o seu repertorio que é esplendido e vastissimo, no theatro da Rua dos Condes, cuja companhia partiu para o Porto a representar ali a *Tosca*, a *Ignez de Castro* e a *Marechala*.

* *

São esperados por estes dias em Lisboa suas altezas o sr. duque d'Orleans e princeza Helena, que vem passar a semana santa em companhia de

dinarias. A presença de M.^{me} Dupleix mostrou também muita cariosidade, e sympathias, pelo menos entre os que conheciam o seu heroico procedimento. A côrte acolheu-a com muita obsequiosidade, e a marquezia de Pompadour folgou imenso de a receber e da conversar largamente com ella.

A Companhia das Indias é que lhe não perdoou o ter recusado 10 milhões de francos por Madras, que Luiz XV depois entregou de graça aos Ingleses, e fazia — é o caso de o dizer — ouvidos de mercador ás reclamações de dinheiro que Dupleix fazia, porque não estava ainda reembolsado dos muitos adiantamentos que fizera durante os

elementos constitutivos do organismo, que vem do leite maternal, e da educação e da inspiração da mãe, de forma que effectivamente se sentem a cada instante, no procedimento da filha de Jacques Alberto e de Isabel de Castro as qualidades características da mulher portugueza;

2.^o Porque a cada instante se manifesta na sua vida o facto tocante de não ter ella nunca esquecido a patria de sua mãe, a sua lingua, as suas tradições e o culto pela sua gloria.

Foi o que quizezemos pôr em relevo no nosso brevissimo estudo.

Pinheiro Chagas.

feição, em breve perdemos de vista as adustas costas da Hespanha; e agora, em vez d'aquellas arribas, negras quaes ferreas muralhas, contemplavamos, com enlêvo, as praias amenas e risonhas do formoso Portugal, terra dos olhos negros, dos saborosos fructos e das flôres. Estava o mar liso que nem um espelho e o navio vinha deslizando com movimento sereno e quasi imperceptivel. Respiravamos com delicia tão suave quanto branda atmospheria. Melhor clima e mais sadio não sei que o haja, em todo o mundo. O ar tepido das zonas meridionaes é aqui temperado, de continuo, pela briza fagueira, que anima e como que infunde vigor aos corpos.



JESUS CHRISTO LAVANDO OS PÉS A SEUS DISCIPULOS — QUADRO ATTRIBUIDO A RAPHAEL

apuros, dos seus côres particulares. Joanna Dupleix, empregando agora em favor dos interesses de sua familia a sua magica penna que soubera empregar com tanta arte em serviço da patria, escrevia a todos os influentes, e conseguiu senão pagamentos promessas; mas o clima de França fora fatal aquella filha do calido Indostão. Anno e meio depois de chegar á Europa, falleceu Joanna Dupleix em Paris no dia 4 de dezembro de 1730 com 50 annos de idade.

A França presta á gloriosa mulher um verdadeiro culto, e a esse culto nos associamos por um duplo motivo:

1.^o — Porque nas suas veias circulava de envolta com o sangue francez de seu pae o nosso bom sangue portuguez, e assim juntaram-se todos os

RECORDAÇÕES DA GUERRA PENINSULAR

FOLHAS SOLTAS DO DIARIO DE UM VETERANO

VI

.....
Estavamos, havia dias, na Corunha, em doce ocio e levando vida regalada, eis senão quando, veio ordem de partida. Era, pois, chegada a hora de dizermos adeus—d'uma vez para sempre—ao mofino e malfadado transporte em que viéramos de viagem para a Galliza. Alegres, portanto, e satisfeitos, embarcámos a bordo de uma fragata, que levantou ferro e, acto continuo, se fez de vela, no rumo de Lisboa. Com optimo tempo e vento de

Se houve alguma vez viagem digna de lembrança, ou travessia, que aos passageiros deixasse saudades, foi, sem duvida alguma, a nossa. A sollicita hospitalidade e as attentões que, a todo o momento, tão prodigos, nos dispensavam, assim o capitão, como toda a officialidade de bordo; o tempo sempre entretido e bem passado em continuas diversões e alegre convivencia—emfim, ninguém poderia exigir mais, nem talvez tanto.

Deslizavam, rapidos, como que em vistoso alardo, perante nossa vista enlevada, e com incessante variedade os imprevisitos, quanto pittorescos aspectos da costa. Dir-se hia que estava parado o navio: a illusão era completa. Por tal forma esplendido, na sua diversidade, se nos antolhava o scenario, que a ultima vista apparecida afigurava-se-nos sempre a mais bonita. Igrejas, conventos,

moinhos a girar; pomares, laranjaes, vinhas, campos fertilissimos perpassavam velozes como que em panorama movente. Em successão rapida iam desapparecendo montes agrestes, colinas verdejantes, vales profundos, sarapintados de casinhas brancas como a neve. Aqui e acolá, formosas quintas e granjas pittorescas, destacavam d'encontro á pujante vegetação que alcatifava, na distancia, de aveludados verdes, as soberbas montanhas que lhe serviam de abrigo e natural barreira, e cujas cristas, em ondulações graciosas, se recortavam sobre a atmospheria limpida.

Quadro era este, cujo encanto, cuja animação e cuja vida, estavam, sem duvida, a par de quanto ha mais bello no universo.

A's vezes, o aspecto de qualquer sitio nos despertava no animo, vivas saudades da nossa terra. O que, porém, lá não tinhamos, eram estes verdes assim viçosos, a espalhar-se no azul limpido e

Entre o grupo de gente assaz heterogenea, a qual, em pé no tombadilho do bote, esperava, impaciente, o momento de abordar á fragata, divisei um cambista, ladeado por duas mesquinhas *sereias*, muito embonçadas em safados arrebiques, quaes tristes mascaras em fim de entrudo.

O tal figurão do *signor*,¹ sem se prender com ceremonias, e como quem estava em sua casa, veio entrando por ali dentro, em companhia das donzellinhas, desceu pela escotilha e foi ter á praça d'armas, meneiando se pelo caminho, com ares de grande importancia. Sacou do seio uma carteira, e d'esta um masso de attestados, que abonavam sua exemplar honradez e nimia respeitabilidade—não logrando, diga-se a verdade, inspirar nos maior confiança—; fez signal ás corypheas para que abrissem o spectaculo com os seus maviosos cantos e tangêres. Entoaram as beldades umas lóas; lamurias assaz monótonas que pouco

mendando-se a todos os santos e a mais ainda—armaram berreiro infernal; viraram de bordo, e o barco pondo a prôa em terra foi-se afastando ligeiro.

Despedimonos, saudosos, dos nossos amigos e companheiros na travessia, trocando protestos de mutua estima, e viemos desembarcar ás escadarias do caes que dá accesso para o grande largo do cavallo preto; (o Terreiro do Paço) seguimos d'ali para o hotel de Mrs. O'Donnel, na rua... (?); onde fizemos frente a um excellente almoço, constante de ovos, carnes frias, conservas, fructas, chá, café, etc., e fomos depois dar um giro pelas ruas de tão famosa cidade. Passamos todo o dia em terra, explorando quanto nos consentiu tão curto espaço de tempo, e fomos, afinal, jantar ao hotel inglez de Mr. Bunker, aonde, segundo nos tinham informado, encontraríamos bom tracto, accomodação assejada—e cumpre declarar que os factos



JESUS CHRISTO EM CASA DE MARTHA E DE MARIA

profundo do Oceano, tão sereno n'estas paragens; nem a luz vibrante d'este fulgurante sol do meio-dia.

Ainda bem não haviamos lançado ferro, no Tejo, veio logo ao nosso encontro e abordou á fragata, um grande barco, dos taes que arvoram enormes velas latinas, carregado de fructa e de verduras, em toda a variedade, e trazendo tambem aguardente e tabaco para vender á marinhagem. A tez morena e tiszada dos catraeiros; o seu traje tão pittoresco e singular, vinham recordarnos que eramos chegados a Lisboa—Não sei em verdade, se diga... a "*fragrante*". Não... não me atrevo, pois creio que não haverá viajante, a principiarem em Colombo e acabando na minha humilde pessoa, que a não verbére, em seus escriptos, como cidade "*de captivo aroma*". Deus affaste de nós a tentação de percorrermos aquelles estreitissimos hêccos, travessas e veredas tortuosas; e nos livre do pungente effluvio das suas nada *ambrosiacas* ventanias.

applauso mereceram; mas, vendo afinal o trocintins que não acudiam freguezes, fez se de novo para o batel, mais a sua mercadoria, e lá foram tambem chinellando atraz d'elle as pobres das taes *sereias*.

O homem, coitado, entrára com o pé esquerdo: no acto de estender o braço para receber de um barqueiro o saquitol das moedas, na intenção de trocar algum dinheiro inglez a um dos nossos marinheiros, não se aguentou no balanço, e fazendo movimento em falso, escapa-lhe da mão o sacco do peculio, que lá foi bailar ao charco, e... era uma vez dinheiro! O pobre diabo do *D. Fulano*, dizia mal á sua vida—praguejando, clamava vingança e ameaçava os catraeiros.—Estes, encom-

¹ No principio do presente seculo existiam, em Lisboa, numerosos cambistas e rebatedores, na maxima parte maltezes, que armavam seus estendões ambulantes, nas immedições do Terreiro do Paço, Arsenal, etc.

justificaram amplamente a informação. O dono da casa, sollicito em nos obsequiar, mandára desobstruir, de todo, a plataforma, ou eirado, que servia de telhado ao prédio, e ali passámos uma tarde deliciosa, em doce ripanso e com muito boa pinga, gozando a maravilhosa perspectiva que d'ali para todos os lados se disfructava.

Concluidos que foram nossos preparativos de campanha, dirigimo nos para o acampamento de Monte-Santo, nas cercanias de Belem, e fomos apresentar-nos ao nosso regimento, o qual, por pertencer ao exercito de Sir John Moore, marchou d'ali a dias para Salamanca.

A primeira terra de alguma consideração que encontrámos no caminho, depois de termos sahido de Lisboa, foi Villa Franca, d'onde marchámos em direitura a Santarem. Nesta villa importante, na qual, alias, pouco nos demoramos, havia nada menos de 27 conventos; e por signal que, com respeito a um d'elles, succedeu um caso divertido, que serviu, não sómente para variar os

facto uma alarmante manifestação hereditária, e exprimiu, um dia, ao conego Pestana, a intenção de submeter Rosalia a um exame medico.

— O que aquillo é, D. Florencia, — advertiu o ecclesiastico, — é necessidade de casar!

— Não gracieje, senhor conego; olhe que o caso é serio. Estou com medo de que a pobre Rosalia acabe como minha mãe.

— Ora, deixe-se de essas scismas! Aquillo é a natureza a puxar por ella, fique-se com esta, D. Florencia! Isto é um mal que chega a todos e até aos homens, embora o não pareça. Olhe, o meu sobrinho, tambem ha coisa de quinze dias, não anda escoreito: fecha-se em casa, falla, só pragueja, e tem desesperos por dá cá aquella palha. Sabe o que lhe digo, D. Florencia? Isto de gente nova custa a aturar como a bréca!

— Lá isso é verdade. Mas a Rosalia, era uma excepção, conego! Não havia creatura mais docil e de melhor genio.

— Tal qual como o meu Silvestre. Olhe, sabe que mais?... A mim, parece-me que aqui anda segredo,

— Segredo?

— Sim, minha senhora. Eu desconfio que o meu sobrinho e cá a D. Rosalia, trazem paixão um pelo outro. Isto é o que eu desconfio, cá por coisas...

— Mas porquê? — interrogou D. Florencia, que não parecia muito surpreendida.

— Olhe, o meu rapaz, desde aquelle dia em que fomos á quinta de Setães, vêr as aguas, mudou de vida e de genio. Nem parece o mesmo. Ora succede que a senhora sua sobrinha, tambem fez mudança dentro d'este tempo. Uma coisa pega á outra, não lhe parece? Porque, de resto, D. Florencia, eu acho isso muito natural: são ambos novos, ambos bem parecidos; elle diz p'ra aqui, ella responde p'ra acolá, mais isto, mais aquillo: e, afinal, catrapuz! apaixonam-se um pelo outro.

Houve um pequeno silencio.

— Eu, para ser verdadeira — obviou D. Florencia, — devo dizer que tambem já tinha algumas desconfianças, mas não queria precipitar as coisas, sem saber, com certeza, se era verdade ou não... Mas, pelo que vejo então, a doença de Rosalia...

— E' a natureza a puxar, D. Florencia. E' mais claro do que a agua!

— Pois se assim é, o remedio está perto.

— Onde?

— Onde ha-de ser? na igreja.

— Casal os?

— Pois já se vê, Rosalia é rica, precisa de um marido capaz de administrar e conservar os seus bens; e seu sobrinho é um cavalheiro de quem não tenho a dizer, senão bem. Admira-se de eu fallar assim?... Disseram-lhe, talvez, que eu queria fazer de Rosalia uma irmã de caridade, e outras tolices. E' verdade que sou muito religiosa, mas, por isso mesmo, não contrário a vontade de meu irmão, que deixou á filha plena liberdade de escolher o futuro... Ora, isto não é por o conego estar presente, o seu sobrinho parece-me, em tudo, merecedor de Rosalia.

— Não digo que não. Elle, bom rapaz, é. Tem bom coração, e apesar de parecer estouvado como um pintasilgo, tem tino quando é preciso. Não é por ser do meu sangue, mas é um rapaz como se quer.

— Pois ahí tem. De maneira que se elles se agradaram um do outro, o melhor é acabarmos com isto, porque eu tambem estou a necessitar de quem me auxilie na administração da casa: já não estou para essa faina; os foreiros e caseiros não fazem se não enganar-me, e são roubos e mais roubos! Nada, nada. Olhe, o senhor averigue lá isso, em que alturas vão os agrados do seu sobrinho com Rosalia, e depois combinaremos.

— Tambem me parece o melhor. Ah, D. Florencia, depois ficamos quasi como sogros um do outro... quero dizer: quasi como sogros dos nossos sobrinhos: não... Oh, que embulhada! Sabe o que mais? Ficamos, assim, a modo de parentes...

— Decerto, decerto! Então está combinado: o senhor indaga lá do seu sobrinho... Mas isso com cuidado, que, ás vezes, não sejam sem fundamento as nossas desconfianças.

— Agora são! E' tão certo elles morrerem um pelo outro, como dois e dois serem quatro. Mas pôde ficar descansada: eu tenho artes para tirar nabos do pucaro, sem me escaudar, como diz o outro. A gente, na confissão, aprende e ssas manhas.

— Bem, ficamos combinados.

— Combinadissimos! Qualquer dia, cá me tem com tudo em pratos limpos.

— Bem, bem, cá o espero.

(Continúa.)

POESIAS EM UM «ALBUM POLYGLOTTA»

Offerecido ao Santo Padre Leão XIII

TEXTO

A BARCA DE S. PEDRO

Trevas no firmamento, em noite borrascosa!...
 Todo braveza o mar!
 E a barca de San'-Pedro, a barca myst'riosa
 Quem a pod'rá salvar?

Uiva a impiedade infrene: e contra Deus Eterno
 Sólda pragas o atheu!
 Prevalecem talvez negras portas do Inferno
 Contra o azul do Ceo...

Quem reina é Satanaz? quem reina é o Anti-Christo?
 Ai! virgens de Sião,
 Ameaça-vos feroz um látego imprevisto
 De opprobrio e escravidão!...

Mas... desfalde-se afoito o pavilhão da Igreja...
 E co' o favor de Deus
 A barca de San'-Pedro impavida veleja
 Por sobre os escarcéos.

Segura-lhe no leme o braço archi-potente
 De um destemido arraes:
 É LEÃO XIII, o Grande, o que de erguida frente
 Arrosta os vendavaes.

E ruja imhora o vento em noite procellosa,
 Todo furias o mar!
 A barca de San'-Pedro, a barca gloriosa,
 Ha de o porto alcançar.

Já lá clareia ao longe a bonançosa aurora
 De paz e mansidão...
 E surgirá porfim o sol na redemptora
 Terra da Promissão.

Para intercalar entre a 1.ª e a 2.ª quadra:

Freme raivas o vento! incapella-se a vaga!
 Recresce o furacão!
 Ai! se a vela se rasga... Ai! se o batel se alaga
 No horrivel turbilhão!

Xavier da Cunha.

TEXTO

LEÃO XIII

Agora que mais ruge a tempestade,
 E que em seus fuadamentos, convulsiva,
 Da sombra, do erro, do pavor captiva,
 Parece baquear a sociedade;

Agora que o fulgor da liberdade
 Ameaça tornar-se chamma viva.
 E que raivosa, a multidão altiva
 A' força tenta impor sua vontade;

Só a barca de Pedro, soberana,
 Corta as ondas intrepida e quieta,
 Astro de santa paz na guerra humana.

Leva á poppa um LEÃO, da igreja athleta,
 Segue a esteira da Fé, que o mar lhe aplanava,
 Dirige-a do Senhor a voz secreta.

José Ramos Coelho.

VERSIONE

LA BARCA DI S. PIETRO

Tenebra fitta è in ciel! La notte è tempestosa!...
 E spuma e rugge il mar!...
 E la barca di Pier, la barca misteriosa
 Chi la potrà salvar?

L'empio sfrenato ulùla: e contro Dio Eterno
 Blasfema l'infedel!
 Forse prevalgono or le atre porte d'Inferno
 Contro l'opra del Ciel?...

Chi ormai regna è Satán? Chi regna è l'Anti-Cristo?
 Ah! vergini di Siòn,
 Stá su di voi sospeso un flagello imprevisto
 D'obbrobrio e d'oppression!...

Ma... sventoi la bella insegna della Chiesa...
 E col Divin favor
 La barca di San Pier nàviga senza offesa
 Sopra l'onde in furor.

Ne governa il timon il braccio arcigagliardo
 D'intrepido nocchier:
 Ed è il GRANDE LEON, quel che sereno in guardo
 Del mar sfida il poter.

E infurii pure il vento in notte procellosa,
 Sia pur sconvolto il mar!
 La barca di San Pier, la barca gloriosa,
 Dovrà nel porto entrar.

Ecco; già appar lontan l'aurora annunziatrice
 Di pace e salvazion...
 E il Sol spunterá infin sopra la redentrica
 Terra di Promission.

Ritornello tra la 1.ª e la 2.ª quartina

Freme impetuoso il vento! e si accavalla l'onda!
 Cresce il túrbine ognor!
 Ah! se la vela cede... ah! se il battel si inonda
 In mar di tanto orror!

Prospero Peragallo.

VERSIONE

LEONE XIII

Or che infierisce piú la tempestade,
 E che in sue basi scossa, convulsiva,
 Pavidà, errante, d'ogni luce priva,
 Par che volga al suo fin la societate;

Or che il fulgóre della libertate
 Minaccia transformarsi in fiamma viva;
 Or che la plebe, che vil rabbia avviva,
 Vuol col terrore impor sua volontate;

Sol la nóbil di Pier barca cristiana
 Solca intrepida l'onde, e ognor quieta,
 Astro di pace nella guerra umana.

Ne é piloto un LEON, di Cristo atleta,
 La Fedè, ch'è il suo Norte, il mar le appiana,
 La guida Iddio con sua voce secreta.

Prospero Peragallo.



Recebemos e agradecemos :

O Cenaculo. Revista critica e litteraria (publicação quinzenal) n.º 4.

Uma graciosa revista, e como folha que é da poetica Coimbra não podia deixar de ser, cheia de poesia. Assim, vem matisada com formosas composições, sendo para notar as quintilhas, intituladas *Olhos cõr do crime* em que ha versos deliciosos como estes :

teus olhos negros são de velludo
são de velludo negro os teus olhos...
teu olhar falla quando está mudo...
mesmo callado me dizes tudo
doce veludo, senda d'abrolhos.

Longa vida á delicada e elegante revista.

Revista Moderna, semanario illustrado. José Bastos, editor N.º 1 e 2. 1895

Bem impressa revista, em ottavo, a duas columnas por pagina. Os numeros indicados inserem algumas gravuras muito bem feitas. Tomou para sua divisa as phrases: *Bom senso e Bom gosto* a qual pretende seguir tanto quanto possível. Publica artigos de interesse e um romance de Watter Scott e na secção de *Publicações* lêem-se algumas palavras amáveis dirigidas ao OCCIDENTE as quaes muito agradecemos.

Temos presente os n.ºs 3 e 4 d'este semanario. N'elles se vêem bons desenhos e artigos curiosos.

A publicação da gravura do quadro de S. Pedro, da Sé de Vizeu, que fizemos no nosso n.º 577, primeiro d'este anno, inspirou ao sr. João Sincero, collaborador da *Revista Moderna* um artigo que, embora largo sobre o assumpto todavia, em nada esclarece as questões ventiladas sobre o quadro e suas origens, etc.

O n.º 4 vem bem collaborado e entre outros artigos distinguem-se *O cedro Deodara* por José Silvestre e um mimosissimo excerpto do *D. Jayme* de Thomaz Ribeiro. Temos tambem presentes os n.ºs 5, 6, 7, 8 e 9 egualmente apreciáveis.

Relatorio, dos actos da direcção da associação commercial do Porto, no anno de 1894. Typographia do Commercio do Porto.

Grosso volume com 262 paginas e 15 mappas. Trata desenvoldidamente da existencia social, da sua administração e dos multiplices e importantes encargos a que está sujeita esta notavel associação.

Vem muito bem redigido, claro e lucido, e d'elle se evidenciam os esforços que da direcção tem dimanado para o bom nome e actos d'essa agremiação.

A redacção do presente relatorio é do dignissimo secretario sr. Isidoro da Fonseca Moura o qual com distincto criterio expõe succintamente todos os trabalhos da direcção de que fez parte.

Revista dos Lyceus, publicação mensal. Porto. No numero que temos presente inserem esta revista varios artigos de valioso interesse todos da

penna do erudito professor dr. Adolpho Coelho. Bastante sensatos e tratando de um assumpto notavel — a reforma da instrucção secundaria.

Completam o folheto algumas indicações sobre publicações recebidas. Recebemos tambem os dois numeros seguintes, 5 e 6.

Memoria justificativa e descriptiva das obras executadas na igreja de S. Roque de Lisboa. Typographia da Santa Casa da Misericordia, 1894.

As obras de que falla esta memoria, foram executadas, desde 12 de outubro de 1893 até 18 de junho de 1894, sob a habil direcção do sr. Antonio Cesar Mena Junior, distincto e consciencioso conductor de obras publicas e de minas o qual modestamente demonstra os trabalhos que dirigiu, compilando com rara intelligencia as inscrições que se encontram no magestoso templo de S. Roque muitas das quaes tratou de conservar e ainda restaurar tanto quanto era possível.

E' um pequeno tributo para a historia a que não falta valor nem interesse. Ao sr. Mena agradecemos a sua gentil offerta

Do Tejo a Paris, por Oscar Leal. Lisboa 1894.

N'este folheto, de oitenta paginas, condensou o sr. Oscar Leal as suas impressões de amator e de estudioso.

Descrevendo, a vôo de passaro, as capitães das

nuncios das casas commerciaes mais conceituadas.

Le Monde Moderne, Revue mensuelle illustrée. Février 1895. Quantin editeur. Paris.

Mais variado que o primeiro numero, apresenta o n.º 2 da *Monde Moderne* muitos artigos ineditos e interessantes e um grande numero de gravuras. E' devéras bem feita esta revista franceza. Entre os muitos artigos notaveis destacam-se *Les mouvements de l'ouvrier dans le travail professionnel*, *Le socialisme*, *L'impôt* e ainda outros de feição meramente litteraria. Recebemos já os n.ºs de março e abril que, se apresentam muito curiosos.

O Instituto, revista scientifica e litteraria, volume XII. Dezembro de 1894. Terceira serie, n.º 18. Coimbra. Imprensa da Universidade.

Com o presente numero complecta esta conceituada revista scientifica o seu quadragessimo primeiro volume referente a julho de 1893 até dezembro de 1894.

Collaborado selectamente, como sempre, insere artigos de valor, avultando o do sr. dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos — *A doutrina da immaculada Conceição e a Universidade de Coimbra*, notavel discurso proferido pelo auctor na real capella da Universidade, na festa de 8 de dezembro de 1894.

Essa formosissima oração, bordada sobre o mais sympathico thema lithurgico, é na verdade bem urdida como merecia, pois que Maria como Mãe de Deus é o typo omnimoda da mulher, trasbordando de graça, sobrenatural e divina, e esta crença inspirou muitas das mais primorosas obras que o genio christão tem produzido.

O Trapeiro de Paris, por Felix Piat, versão de Guilherme Rodrigues. 5 volumes em ottavo.

O sr. João Romano Torres, illustrado gerente da Empreza editora «O Recreio» Lisboa; publicou em portuguez este notavel romance socialista o qual tem merecido grande acceitação não só pelo que vale como tambem por ser um romance escripto d'uma forma brilhante. Pela narração se desenvolvem magistraes quadros, ora cheios de poesia e de verdade, ora graves e accidentados.



COELHO, JE ALBERTO

JESUS CHRISTO E A SAMARITANA

tres nações visinhas apresenta muitas indicações e noticias dignas de leitura.

A voz de Chaves, N.º 93, do anno de 1895. Semanario Independente.

Recebemos este numero da conceituada folha flaviense o qual constitue um numero brinde muito apreciavel.

Impresso em bom papel, a primeira pagina é enriquecida com phototypias representando o pessoal e material de incendios pertencente á instituição de bombeiros voluntarios que na cidade de Chaves se acaba de organizar, tendo por fundador os srs. Augusto de Carvalho e Carlos de Oliveira, cavalheiros dignos dos maiores elogios pela sua humanitaria e benemerita iniciativa que tantos beneficios pôde prestar aos povos d'aquelle concelho.

Brinde, do Diario de Noticias aos seus assignantes em 1894.

E' este o trigessimo brinde que o *Diario de Noticias* offerece aos seus assignantes

Contém quatro elegantes composições litterarias de auctores reputados, e todas são muito graciosas e dedicadas.

Este anno, o brinde, vem replecto de an-

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.
Preço da capa e encadernação 1 200 réis.

Pedidos á Empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE»

Para 1895

Está publicado e á venda este interessante annuario illustrado com grande profusão de gravuras.

A capa é um lindo chromo representando a Batalha das Flores no Campo Grande.

Preço 200 réis — pelo correio 220 réis.

Empreza do «OCCIDENTE», L. do Poço Novo, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches, Rua Nova do Loureiro, 25 a 37